

OS DEUSES e o rio Vouga

Não há fome que... não dê em fartura! O aforismo prende-se com a ideia também patente no outro "após a tempestade vem a bonança", para nos explicar que a vida nunca é uma linha recta.

Por

[José d'Encarnação](#) e José Carlos Santos

Publicado em *Duas Linhas*, 7 de Outubro, 2023: <https://duaslinhas.pt/2023/10/os-deuses-e-o-rio-vouga/>



O que se passa no quotidiano de cada um, nos aspectos corriqueiros da vida – e aí está a frase a dar-nos o imprescindível alento – também é passível de acontecer no dia-a-dia do investigador. De vez em quando, sucede que se persegue durante anos a explicação para um fenómeno, dúvidas ajuntam-se a dúvidas, acaloradas discussões se levantam e não há meio de se chegar a uma conclusão; e depois, de um momento para o outro, como que por magia, tudo fica esclarecido!

Quando, pelos finais de Novembro do ano passado, [demos conta de que nos parecera ter encontrado explicação](#) para as ténues letras subsistentes num pequeno altar romano com que nos deparáramos, proveniente do Castro de Goujoim, União de Freguesias de Arícera e Goujoim, concelho de Armamar, mal queríamos acreditar que, na verdade, se confirmava assim que o rio Vouga fora considerado uma divindade pelos Romanos. O nome do rio era *Vacus* ou *Vacua* (segundo outras versões literárias antigas), e o que se lia na pedra era, em nosso entender, *Vaco*, ou seja, em português, «a Vaco».

A proposta foi acolhida entre o mundo científico com a natural cautela, houve latentes objecções. Não porque se duvidasse que já nesses tempos antigos ao rio Vouga –

mormente por desaguar naquela enorme e linda ria e largamente irrigasse a sua bacia hidrográfica – se pudesse ter atribuído um génio divino (como, aliás, era hábito entre os Romanos), mas porque essa palavra também aparecera noutras zonas do território peninsular, afastadas desse rio.

Carecia-se, porventura, de mais alguns dados para que a nossa opinião se consolidasse e merecesse mais apoio. E esses dados – mesmo sem expressamente os procurarmos – acabaram por surgir.

Nelson Oliveira, que reside na Rua do Casal, em Queimada – bem haja, amigo, pela gentileza da comunicação! – encontrou, há cerca de 25 anos, aquando da demolição de uma casa na povoação de Queimada, na bifurcação da Rua do Casal, Avenida da Calçada e Rua Dr. António Gomes Teixeira, o pequeno altar de que ora damos conhecimento.



topo do altar encontrado na aldeia de Queimada

É de granito de grão fino, mede de altura 37,5 cm, de largura 24,5 e de espessura média: 18,5. No capitel, como já se vira no altar de Goujoim – e deve ressaltar-se a semelhança, a sugerir que os dois monumentos podem ter saído da mesma oficina –, foi delineado o fóculo, ou seja, o espaço côncavo onde se poderiam queimar essências em honra da divindade.



topo do altar encontrado em Goujoim

A inscrição está, como se vê, muito delida, em consequência dos muitos séculos que por ela mui descuidadamente passaram; no entanto, cremos não haver dificuldade em ler, na 1ª linha, VACO; na 2ª, o nome da dedicante, AVITA; na 3ª, VOTO.



o altar de Queimada

Palavras latinas que, vertidas para português, significam que uma senhora de nome Avita, ao mandar esculpir este pequeno altar, estava a cumprir uma promessa (um voto) que fizera à divindade Vaco.

A divinização da Natureza (rios, fontes, montanhas, o oceano, o Sol...) era, como se sabe, corrente entre os povos antigos, pois se reconhecia que da Natureza dependia o bem-estar e a vida. Hoje, também se reconhece. A diferença está em que, na actualidade, destrói-se; antigamente... venerava-se!